

LUÍSA
COSTA GOMES

Arte da Conversação

seguido de

Vanessa vai à Luta

TEATRO



ARTES DA CONVERSACÃO
Mundo de
VANESSA VAI À LUTA

Título: *Arte da Conversação* seguido de *Vanessa vai à Luta*
© Luísa Costa Gomes e
Edições Cotovia, Lda., Lisboa, 1999

Concepção gráfica de João Botelho

ISBN 972-8423-65-9

Luísa Costa Gomes

ULFL0M 00255



Arte da Conversação
seguido de
Vanessa Vai à Luta

Cotovia

Oficina de edição
de
ARTE DA CONVERSACÃO
para o Curso de Teatro Experimental
no Instituto Superior de Teatro e Cinema do Porto
em julho de 1998

ARTE DA CONVERSACÃO

Margarida Vila

Carolina Vidal

Sandra Costa e Aires

José Marques

Luís Miguel

Maria Luísa Silvestre

António Capelo

Jorge Figueira

João Paulo Costa

Luís Albuquerque

Apresenta a Formação Cívica em 10 etapas que abrangem a história da cultura e da sociedade e o desenvolvimento pessoal e social dos cidadãos.

Elenco da estreia
de
ARTE DA CONVERSAÇÃO
pelo Grupo de Teatro Ensemble
no Pequeno Auditório do Teatro Rivoli, do Porto
em Julho de 1998

Madame Vital
Cavaleiro Vital
Senhor Bons-Olhos
João Natalino

Maria Emília Silvestre
António Capelo
Jorge Pinto
João Paulo Costa

Encenação

Luís Madureira

Agradeço à Fundação Gulbenkian o apoio que concedeu à escrita do texto e ao Ensemble o convite que me dirigiu para escrever esta peça.

PERSONAGENS

DONA EMÍLIA DA GLÓRIA EPONINA VITAL.

O seu Marido, o CAVALEIRO ANTÓNIO ALBERTO FRANCISCO VITAL, *diplomata.*

O seu Amante, o SENHOR JORGE FILOMENO BONOS-OLHOS, *gentil-homem ocioso, de família enriquecida no comércio das espécies.*

O seu Confidente, JOÃO NATALINO, *homem de Leis.*

Corre o ano de 1638. Em Portugal reina Filipe IV de Habsburgo. As garantias de autonomia dadas no princípio da dominação castelhana estão praticamente esquecidas. O Conde-Duque de Olivares, durante a década de vinte, trabalha para a homogeneização das leis e regulamentos em todas as províncias espanholas. O agravamento dos impostos e o recrutamento de nobres portugueses para a guerra, em contradição com o estipulado nas Cortes de Tomar em 1581, causam uma onda de agitação, nomeadamente em Évora onde, em Agosto de 1637, um idiota local, o *Manuelinho*, é escolhido como cabecilha inimputável da revolta encorajada pelos Jesuítas da Universidade, e apoiada por grande parte da fidalguia e pelo povo. O Palácio do Duque de Bragança, que se mantém fiel a Filipe IV, é então apedrejado. Os nobres, excluídos do poder pelo clã de Miguel de Vasconcelos, reconhecendo a disponibilidade popular para a luta de independência, começam a movimentar-se. Em 1638, o cônsul francês em Lisboa, Saint-Pé, é incumbido por Richelieu de oferecer o apoio da França, que se encontrava em guerra com Espanha, ao futuro Rei de Portugal, o Duque de Bragança. Por todo esse ano, agentes secretos de Richelieu e nobres portugueses, procuram — embora sem êxito — convencer o Duque a erguer-se em armas contra Castela. Escreve Oliveira Martins, na sua História de Portugal: “Em 1637, viu-se o caso único de uma revolução anónima porque dos seus dois chefes, um era D. Sebastião, uma sombra; outro o *Manuelinho*, gigante

membrudo — um doido que divertia pelas ruas a plebe de Évora. Inconscientemente, os Jesuítas criavam um símbolo: O *Manuelinho* era a estátua de Portugal. Fizeram do doido um Messias, e de D. Sebastião o Deus, incógnito, encoberto, cujos milagres enchiam de esperanças redentoras as imaginações populares” (Livro VI, p.118).

*Estamos num salão imenso. Há um cravo ou uma espine-
ta e cadeirões ao canto. A cena está muito pouco ilumina-
da, por um único candelabro, colocado em cima do cravo.
Também lá estão uma garrafa de cristal e seis copos de pé.
É desse vinho que os convivas vão bebendo ao longo da
função.*

AMANTE Vem Dona Emília Vital?

CONFIDENTE Vem, vem.

AMANTE Parece que oiço a carruagem.

CONFIDENTE É cedo ainda.

AMANTE É a sua carruagem, reconheço-a.

CONFIDENTE Eu mal vejo um palmo adiante do nariz. E o
Cavaleiro... acompanha-a?

AMANTE Julgo ter ouvido que o Cavaleiro teve de se au-
sentar...

CONFIDENTE Não virá o Cavaleiro?

AMANTE Foi em viagem, missão de segredo.

CONFIDENTE É diplomata da confiança dos grandes.

AMANTE Algumas das suas opiniões são arriscadas e arriscam-no.

CONFIDENTE Mas é fidalgo sisudíssimo!

AMANTE Arriscam-no a ele e à sua bela esposa, que é senhora inteiramente inocente.

CONFIDENTE (*assustado*) Ora, o que não é hoje uma opinião arriscada? Inda há bem pouco tempo, neste mesmo palácio, em defendendo Aristóteles...

AMANTE E com todas estas alterações, em que vimos o povo rugindo nas ruas por via do mau governo e os senhores todos desagradados com as guerras... Vigilância e tento na língua, é o que se deve. Ah, ei-la, oiço-a chegar.

Dona EMÍLIA e o CAVALEIRO falam baixo entre si, antes de entrar.

D. EMÍLIA Achais que já nos vêem?

CAVALEIRO Decerto nos vêem mal.

D. EMÍLIA Ouvir-nos-ão? Ou espero que cheguemos mais ao perto?

CAVALEIRO Ouvir-nos-ão, se falardes alto. Começai lá.

D. EMÍLIA (*rindo à socapa*) Vamos à função.

Começam a falar muito alto, para terem a certeza de serem ouvidos pelos outros dois que se encontram já dentro da sala.

D. EMÍLIA Olhai, vede lá a manga do vestido... Não é mancha? Lembrai-me de mandar açoitiar a criada! Como estou? Não se vê nada... Ah, um charco... Uma poça... Será lama?... Onde estão os criados? Quem me carrega? Cavaleiro, não posso atravessar o..., olhai como está este pátio! O que será aquilo ali?

CAVALEIRO Há-de ser água da chuva.

D. EMÍLIA Ah, horror, água da chuva... (O CAVALEIRO vai para lhe pegar ao colo) Que faz? Que me quer?

CAVALEIRO Não me pediu que a levantasse?

D. EMÍLIA E se há gente dentro? Que irão pensar? Não será pouco próprio chegar a esposa carregada por seu marido? (Lembra-se) Dizei-me a hora.

CAVALEIRO Tocavam completas no Mosteiro de Santana, quando por lá passávamos.

D. EMÍLIA (*desesperada*) Completas! Mas é muito cedo! Veio o cocheiro por aí fora a mata-cavalos e é isto que acontece: chegamos cedo!

CAVALEIRO Cedo?

D. EMÍLIA Antes dos demais!

CAVALEIRO Se todos pensássemos assim, está bom de ver que ninguém saía de casa.

D. EMÍLIA Morro de vergonha! Lembrai-me de mandar açoiar o cocheiro. Aprenderá a ter mais moderação.

CAVALEIRO Inda agora vos afligia que chegássemos depois de todos!

D. EMÍLIA Chegámos primeiro, antes dos demais! O que se deve é chegar depois de alguns e antes de alguns, não antes de todos ou depois de todos! O que vão pensar de nós? Que estamos ávidos, que vivemos para este serão da Marquesa, tão impacientes que não vemos o momento de saltar para a carruagem e partir à toa?

CAVALEIRO Que fazemos, então?

D. EMÍLIA Vejo tudo tão escuro. Apenas uma sala tem luz... E pouco brilha...

CAVALEIRO De facto, nada está conforme às regras do recebimento.

D. EMÍLIA Não está conforme? É uma afronta! Que faz a Marquesa? Onde estão os criados? As luzes, os rumores, a música, os outros convidados?

Na sala.

AMANTE Alguém a acompanha... E não é... É...

CONFIDENTE (*querendo ver*) Pois a mim parece-me o Cavaleiro, senhor Bons-Olhos. É, é ele. Louvado seja Deus!

AMANTE Impossível!

Entra o CAVALEIRO com D. EMÍLIA ao colo.

D. EMÍLIA *(para o CAVALEIRO)* Anda ali alguém...

O AMANTE e o CONFIDENTE afastam-se da janela e aparecem à luz. D. EMÍLIA salta precipitadamente do colo do CAVALEIRO e apruma-se.

CAVALEIRO Muito boa-noite a Vossas Mercês.

CONFIDENTE *(vénia)* Muy buenas noches a Vuestra Señoria...

CAVALEIRO Ah, Natalino, estais cá? É bem achado. Essa saúde?

CONFIDENTE E Vossa Senhoria como se encontra?

CAVALEIRO Bem, bem.

CONFIDENTE Y todos los de vuestra casa? Vuestra esposa virtuosísima?

CAVALEIRO Ela to dirá. Falemos Português, já que estamos entre nós.

D. EMÍLIA Como é possível que ninguém nos venha receber?

CONFIDENTE *(para D. EMÍLIA)* Como vai a saúde de Vossa Senhoria?

D. EMÍLIA Que desaforo! Uma casa fria e escura, eis a forma nova que a Marquesa arranjou de receber os con-

AMANTE Por mim, ir cada um à sua casa.

CONFIDENTE E os homens do Cardeal?

AMANTE Eles não se perdem.

CONFIDENTE Que diremos ao Cavaleiro, se perguntar?

AMANTE Que os procurámos e não os encontramos.

CONFIDENTE E os homens, sós, à noite, na estrada?

AMANTE Deixai-os ficar. Tende paciência, que a História, em Deus querendo, se há-de cumprir. Vamos mas é à ceia. A História pode esperar, a ceia é que não.

Saem.